



O INTEGRALISMO E AS RELAÇÕES ÉTNICAS EM UMA PEQUENA CIDADE DO CENTRO-SUL DO PARANÁ, 1935-1938

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3852

Giceli Warmling do Nascimento, UEM
Luiz Gustavo de Oliveira, UEM

Resumo

A questão étnica é um dos fatores explicativos mais complexos para compreender a expansão do movimento, considerando os limites das fontes disponíveis para pesquisa. Por vezes, o tema é utilizado para afirmar ou negar o sucesso do movimento integralista em áreas de colonização italiana e alemã. No caso de Teixeira Soares-PR¹ destacamos a impossibilidade de mapear e mensurar a inserção étnica de todos os integralistas em função da limitação das fontes e a escassez estatística sobre a imigração no município. Consideramos, no entanto, que breve debate acerca do fator étnico nos ajuda a compreender como um movimento que pregava a integração nacional e a valorização da brasilidade foi aceito e recebido em uma sociedade plural, econômica e etnicamente, além de marcadamente rural. A análise baseada em uma amostra possibilita comparações com outros núcleos paranaenses, como o núcleo vizinho de Ponta Grossa-PR.

Palavras Chave:

Crônica; Alfonso X;
Nobreza.

¹A cidade de Teixeira Soares, antiga vila de Boa Vista, foi elevada a categoria de município com a denominação de Teixeira Soares pela lei estadual n.º 1696, de 26 de março de 1917, desmembrada de Ponta Grossa. O município possuía dois distritos: Diamantina (atual distrito de Angaí) e Fernandes Pinheiro (atual município homônimo) (IBGE, 2010).

Introdução

Em diferentes momentos a historiografia sobre a Ação Integralista Brasileira utilizou argumentos diversos para explicar a adesão dos militantes ao movimento como, por exemplo, a questão étnica, a influência do catolicismo, as condições político-econômicas adversas decorrentes do fracasso do modelo liberal democrático, o temor ao comunismo, etc.

A questão étnica é um dos fatores explicativos mais complexos para compreender a expansão do movimento, sobretudo, ao se levar em consideração os limites das fontes disponíveis para pesquisa. Por vezes, o tema é utilizado para afirmar ou negar o “sucesso” do movimento integralista em áreas de colonização italiana e alemã.

Para Gertz, pesquisador dos Fascismos e do Integralismo no Brasil:

[...] naquilo que tange à expansão do Integralismo no sul do Brasil, minha posição é a de que ele pode ser explicado, muito satisfatoriamente, através de variáveis universais, sem necessidade de recorrer à variável específica, a étnico-cultural, a qual muito mais atrapalha que explica. (GERTZ, 2012, p. 7).

Gertz estudou o Integralismo em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, Estados de significativa imigração alemã. Ele concluiu que a adesão ao movimento integralista nessas áreas não ocorreu de forma “automática” ou “natural” devido à presença de alemães e descendentes, contrariando o senso comum e alguns historiadores que consideravam o Integralismo como possível disfarce às atividades fascistas no país. Nesse aspecto, seus estudos contribuíram para que outros vieses interpretativos fossem levados em consideração, sem apelar para o automatismo do quesito étnico.

Concordamos com Gertz que não devemos reduzir a análise a variáveis tão específicas para compreender a expansão

integralista. Porém, consideramos que a variável étnica, aliada a outras análises, pode contribuir para desvendarmos, senão o “sucesso” integralista em determinadas localidades, ao menos, as lutas e limites criados pelas relações étnicas.

Outro pesquisador que contribuiu para o questionamento sobre a questão étnica como único modelo de explicação para inserção de militantes no integralismo é Josênio Parente (1986). Em seu estudo, o historiador analisa o movimento na região Nordeste, onde a presença dos imigrantes foi reduzida em relação ao sul do país. A peculiaridade de seu estudo está centrada em mostrar a relação do integralismo com o movimento operário e a Igreja Católica, ali caracterizada pela Legião Cearense do Trabalho (LEC). O autor mostrou que esmo distante do Sul e do “centro” de difusão do Sigma, São Paulo e Rio de Janeiro, o Ceará “vestiu” a camisa-verde e abraçou os ideais do integralismo.

Em seu estudo sobre a Ação Integralista Brasileira no Paraná, Rafael Athaides chegou a algumas conclusões:

[...] a presença de descendentes de imigrantes na Província do Paraná foi de fato importante, muito embora os números não nos permitam afirmar que o grupo politicamente ativo da AIB seja de maioria imigrante ou descendente. Os dados do DOPS apresentam um percentual um pouco maior de sobrenomes alemães, mas são de pouca confiabilidade para o período estudado, uma vez que foram produzidos no contexto da Segunda Guerra, auge da caça aos “alemães 5ª colunas”. Ademais, muitos nomes e sobrenomes estrangeiros não significam muita coisa, quando gerações da família já se encontravam perfeitamente ‘abrasileiradas’ (apenas um estudo concreto das origens familiares dos militantes com nomes estrangeiros poderia ser revelador nesse sentido). Ainda assim, não é desconsiderável o fato de que,

assim como nos outros Estados do Sul, a porcentagem de ‘alemães’ ingressos na Província da AIB seja superior em cerca de 13% a da proporção de ‘alemães’ na sociedade paranaense (aproximadamente 12,1%). (ATHAIDES, 2012, p. 170-171).

Athaides verificou que na Província² do Paraná a maioria étnica, entre os “militantes ativos” do Sigma, eram de origem luso-brasileira, com os alemães em segundo lugar e os italianos em terceiro.³ Reconhecendo os limites das fontes para a análise étnica o autor observa que “a despeito desses resultados, estudos localizados seriam extremamente profícuos e poderiam contrariar essa tendência geral, em que os luso-brasileiros predominam na Província” (ATHAIDES, 2012, p. 172).

Teixeira Soares⁴, uma cidade do interior do Paraná, etnicamente plural e marcadamente rural teve uma adesão significativa ao integralismo elegeu, ainda em 1935, o primeiro prefeito integralista do Brasil. Quais os fatores que explicam essa adesão? O objetivo deste trabalho é levantar dados sobre a composição étnica dos militantes da AIB no município e refletir sobre o peso da questão étnica na adesão ao movimento, bem como o peso de outros fatores explicativos.

Destacamos a impossibilidade de mapear e mensurar a inserção étnica de todos os integralistas em função da limitação das fontes e a escassez estatística sobre a imigração no município. A análise baseada em uma “amostra” possibilita

comparações com outros núcleos paranaenses, como o núcleo vizinho de Ponta Grossa-PR.

O integralismo no interior do Paraná e as relações étnicas

Teixeira Soares, terra “enfeitada de pinheirais”, “pedacinho do Brasil” com muitas “glórias no passado”⁵ revela em sua história que, além do verde de ervais e pinheirais, sua paisagem foi matizada por outro tom de verde na década de 1930: o verde da camisa integralista. Sob as lentes vigilantes do Estado, aquele pedacinho do Brasil não viveu exatamente tempos gloriosos. A chegada dos integralistas com suas falas, gestos e símbolos dividiu opiniões e acirrou tensões no município. Foram tempos turbulentos.

Como existem poucas fontes sobre a difusão do Integralismo nos diversos municípios do Paraná elaboramos uma tabela com nomes de integralistas de Teixeira Soares e sua respectiva descendência. A tabela foi elaborada a partir de fontes diversas como jornais, telegramas, fichas individuais do DOPS, fotografias, atas da câmara municipal de Teixeira Soares e depoimentos orais. Essa documentação informa os nomes da “cúpula” integralista municipal e de militantes que se candidataram aos cargos de vereador e Juiz de Paz pela legenda do “Partido Integralista”.

A tabela 1 apresenta o perfil profissional e étnico dos camisas-verdes teixeira-soarenses que participaram em algum momento do movimento no

² As províncias eram subdivisões nacionais feitas pelos integralistas, eram correspondentes aos Estados.

³ Mais informações sobre a adesão dos integralistas paranaenses e a questão étnico-cultural, ver, especialmente, o subitem 3.3 intitulado: “Adesão e feição social” de: ATHAIDES, Rafael. *As paixões pelo Sigma: afetividades políticas e fascismos*, 2012. 297 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná.

⁴ A cidade de Teixeira Soares, antiga vila de Boa Vista, foi elevada à categoria de município com a denominação de Teixeira Soares pela lei estadual n.º 1696, de 26 de março de 1917, desmembrada de Ponta Grossa. O município possuía dois distritos: Diamantina (atual distrito de Angaí) e Fernandes Pinheiro (atual município homônimo) (IBGE, 2010).

⁵ Trechos do hino de Teixeira Soares. Fonte: musicas.com.br/hinosdascidades Disponível em: <http://musica.com.br/artistas/hinos-de-cidades/m/hino-de-teixeira-soares---pr/letra>

município:

Tabela 1 – Integralistas de Teixeira Soares - Classificação profissional e origem étnica⁶

NOME	PROFISSÃO	ETNIA ⁷
João Molinari Sobrinho	Industrial do mate e madeira	Italiano
Pedro Rodrigues Martins	Engenheiro técnico da prefeitura	Luso-brasileiro
Adélio Ramiro de Assis	Contador	Luso-brasileiro
Osmar Ramiro de Assis	Contador	Luso-brasileiro
Ercílio Ramiro de Assis	Juiz Distrital	Luso-brasileiro
João Negrão Junior	Industrial da madeira e mate / Comerciante de armazém	Luso-brasileiro
João Baptista Gubert	Industrial da madeira e mate / Comerciante de armazém	Italiano
João Nicoletti Daros	Funcionário público – Secretário da Prefeitura	Italiano
Jesuíno Alves de Brito ⁸	Coletor Estadual	Luso-brasileiro
João Ribeiro dos Reis	Exportador de mate	Luso-brasileiro
Waldemar Pabis	?	Polonês
Aloisius Baumel	Alfaiate	Alemão
João Baptista Daldin	Contador	Italiano
Aristeu Santos Andrade	Dono de armazém em Diamantina	Luso-brasileiro
Antonio Fogaça	?	Luso-brasileiro
Afonso Tomáz	Fabricante de Café	Luso-brasileiro
Ricardo Marquardt	Padeiro em Diamantina	Alemão
Antônio Honório dos Santos	?	Luso-brasileiro
Emílio Gonçalves de Freitas	?	Luso-brasileiro
Luiz Clevés de Bonfim	?	Luso-brasileiro
Augusto Daros	Comerciante de tecidos em Fernandes Pinheiro	Italiano

João Baptista Turra	?	Italiano
Joaquim Pires	?	Luso-brasileiro
Joaquim Ferreira Neves	Dono de armazém	Luso-brasileiro
Nolvidor Prohmann	?	Alemão
Albino Blitzkow	?	Alemão

Pelas informações expostas na tabela 1 verificamos que em Teixeira Soares predominavam luso-brasileiros entre os camisas-verdes. Do total, os luso-brasileiros eram 58%, italianos 23% e alemães 15% e outros 4%. Apesar de serem descendentes de italianos e alemães e possuírem um vínculo afetivo com a terra de origem de seus antepassados, eles eram brasileiros. Visto dessa maneira, a porcentagem dos brasileiros no movimento era ainda mais confortável. A constatação de Rafael Athaides (2012) não é equivocada.

Apesar da ausência de estatísticas sobre a difusão do Integralismo em Teixeira Soares e demais municípios paranaenses esta breve reflexão corrobora a predominância luso-brasileira entre os integralistas paranaenses. Ainda assim, isso não esgota a questão. Os documentos que forneceriam informações precisas sobre quais grupos étnicos tiveram maior inserção no movimento e em que proporção eram as fichas individuais presentes no registro dos filiados dos núcleos locais. Alguns materiais de propaganda e de inscrição no núcleo local foram destruídos pelos próprios integralistas por medo da perseguição

⁶ Tabela elaborada pelo autor. Fontes: artigos da imprensa integralista, Ata da Câmara Municipal de 21 de março de 1936 a 11 de novembro de 1937, telegramas, fotografias e entrevistas.

⁷ Neste trabalho a classificação étnica se refere aos sobrenomes segundo sua descendência, em nenhum caso se leva em conta a percepção subjetiva destes atores.

⁸ Jesuíno Alves de Brito foi candidato a vereador pelo PSD nas eleições municipais de 1935.

Porém, em 1936 seu nome apareceu como candidato a Juiz de Paz pela Ação Integralista Brasileira e em alguns telegramas informados no jornal *A Offensiva* do Rio de Janeiro. Após a vitória integralista nas urnas houve uma grande adesão à AIB na cidade. Essa “esverdeada” em Teixeira Soares pode ter inspirado alguns políticos locais a “embarcarem no vagão” do Sigma.

⁹ O símbolo (?) refere-se à ausência de informação sobre a atividade profissional de alguns integralistas.

policial¹⁰ e muitas fichas foram confiscadas pela polícia varguista quando da repressão ordenada pelo interventor Manoel Ribas. Alguns materiais podem habitar porões, sótãos e caixas empoeiradas.¹¹

Além das fontes escritas, utilizamos a metodologia da história oral, coletando depoimentos de alguns moradores de Teixeira Soares que viveram ou tiveram contato com pessoas contemporâneas ao tema e período aqui analisados. Esses depoimentos sobre o Integralismo no município foram esclarecedores na medida em que assuntos não abordados nas fontes impressas puderam ser conhecidos como: o impacto da doutrina integralista nas relações familiares, de amizade, entre patrões e empregados, entre os adversários políticos e no cotidiano de alguns grupos étnicos. Acrescentam também aspectos das subjetividades e experiências pessoais em relação aos fatos e personagens, tanto dos que simpatizavam como dos que combatiam o movimento integralista naquele período.

Sobre as relações étnicas em Teixeira Soares, vejamos o que diz Rosy Gubert¹²:

Visitavam e convidavam meus pais para entrar no Integralismo. Até meu pai era bastante hostilizado por causa disso, minha mãe era descendente de italianos: eram Perreto, Borgo, então minha mãe sempre dizia que “era italiana nascida no Brasil”. E eles [os integralistas] achavam estranho que ela por ser italiana não aderir. Meu pai nunca gostou desses extremismos, desses fanatismos. Ele dizia: “não gosto desses fanatismos, nem em religião, política ou ideologia”. (Entrevista com Rosy Gubert 03/01/2014, 5:40 m).

De acordo com Rosy Gubert, sua mãe, mesmo italiana, não aderiu ao movimento. Isso revela que mesmo descendente de italianos, a mãe de Rosy já se considerava inserida na nação brasileira não havendo motivações “naturais”, portanto, para aderir a um movimento com influência estrangeira.¹³ Entre outros aspectos, podemos destacar nessa fala o estranhamento por parte dos integralistas pelo fato de uma italiana não ser integralista. O que isto pode significar? Que os integralistas viam no movimento uma extensão do Fascismo italiano e consideravam que a adesão dos italianos ao Integralismo deveria ser “natural”?

¹⁰ Segundo Nice Oliza Walenga, seu pai Lourenço Serenato era integralista. Assim como muitos de seus familiares e amigos, Serenato por medo da repressão em 1938 queimou seus materiais integralistas, entre eles a camisa-verde, jornais e carteirinha de filiação ao núcleo local. Devo essa informação a meu amigo Fabiano Geros.

¹¹ Sobre a repressão aos integralistas no Paraná, Pereira afirma: “o primeiro período de repressão desenfreada aos integralistas teve início no Paraná, após os eventos que circundam as malogradas ‘intentonas’ integralistas em âmbito local”. “O segundo período se estabeleceu juntamente com a ‘caça aos nazistas’, quando alguns integralistas, descendentes de alemães, foram ‘convidados’ a se apresentarem à DOPS após o rompimento do Brasil com os países do Eixo (janeiro de 1942)”. (PEREIRA, 2013, p. 6).

¹² A Senhora Rosy Gubert é moradora do município de Teixeira Soares. A entrevista foi

realizada no dia 03/01/2014 em sua residência. Sua família sempre teve significativo prestígio econômico, político e social no município. Na década de 30, muitos de seus parentes entraram no integralismo, como é o caso de João Baptista Gubert, eleito vereador pela AIB em 1935. Suas informações revelam conflitos, relações familiares e de amizade, temas quase impossíveis de serem encontrados em outras fontes, como jornais, atas e correspondências.

¹³ Em seu estudo sobre o *Fascismo no Sul do Brasil* (1987) Rene Gertz aborda temas como germanismo, nazismo e integralismo, questionando a historiografia que avaliava apenas a questão étnica para explicar os fatores de adesão ao movimento integralista. Gertz destaca que as relações entre alemães e integralistas não foram cordiais nos Estados do Sul do Brasil, especialmente em Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Este é um indício que a presença integralista no município criou desconfortos e até mesmo limites dentro de um mesmo grupo étnico, no caso, os italianos. Para compreender como se configuraram as fronteiras entre os grupos étnicos, o antropólogo Fredrik Barth nos traz algumas características:

Em primeiro lugar, é evidente que os limites persistem apesar do trânsito pessoal através deles. Em outras palavras, as distinções étnicas categóricas não dependem de uma ausência de mobilidade, contato ou informação, ao contrário, envolvem processos sociais de exclusão e de incorporação em que categorias discretas são mantidas, apesar de alterar a participação e adesão no decorrer das histórias individuais. Em segundo lugar, demonstra-se que certas relações estáveis, persistentes, e muitas vezes importantes, sociais são mantidas acima dos limites e muitas vezes são baseados precisamente no estado étnico, na dicotomia. Em outras palavras, as distinções étnicas não dependem de uma falta de interação social e aceitação, pelo contrário, é geralmente a base sobre a qual os sistemas sociais são construídos que eles contêm. Em um sistema social, a interação não leva à sua liquidação, como resultado da mudança e aculturação, as diferenças culturais podem persistir apesar do contato interétnico e da interdependência. (BARTH, 1976, p. 9-10).

De acordo com as reflexões de Barth, percebe-se que as relações sociais dentro de um grupo étnico são mantidas apesar das diferenças individuais, como concepções políticas e ideológicas. À luz destas reflexões teóricas, vemos que em Teixeira Soares as relações e interações

sociais foram mantidas, porém entre os italianos foram estabelecidos alguns limites. Ambos os grupos (italianos integralistas e italianos não-integralistas) buscaram representar o seu “outro”, ou seja, o grupo estava dividido em italianos com camisa-verde e italianos sem camisa-verde. Essas fronteiras não obstruíram a interação entre as famílias, mas criaram distinções dentro do grupo que poderiam ser transpostas a qualquer momento. Bastava vestir a camisa do Sigma ou deixar de usá-la. Neste sentido, Rosy recorda que: “os almoços e piqueniques nunca mais foram os mesmos entre os italianos depois da ascensão do integralismo e das disputas políticas” (Entrevista com Rosy Gubert 03/01/2014, 7:33 m). O Integralismo atraiu italianos e reuniu descendentes de diferentes etnias, mas, não foi unanimidade em nenhuma delas. Por exemplo, entre os italianos que não aderiram ao Integralismo, além dos pais de Rosy Gubert, também estavam José Brustolin, Gavert N. Branco e Flodoaldo Branco.¹⁴

Para estabelecer a diferença entre “nós” e “eles” os integralistas usavam sua parafernália simbólica: camisa-verde e gravata preta, braçadeira com o sigma, a saudação anauê, entre outras insígnias. A disciplina, o culto ao líder nacional e o respeito à hierarquia eram outros elementos distintivos. Apelidos e estereótipos também marcavam as diferenças. Os integralistas eram chamados de sigmáticos, fascistas e fanáticos.

Antes da chegada do Integralismo em Teixeira Soares, a comunidade era unicamente marcada pela diversidade cultural. Contudo, com o advento do Integralismo, podemos afirmar que novas fronteiras foram delineadas na localidade, pois fora acrescentado o aspecto político ao cotidiano destes grupos étnicos, seja

¹⁴ Estes nomes foram encontrados na Ata da Câmara Municipal de 1936. Pertenciam ao Partido Social Democrático (PSD), partido opositor da Ação Integralista Brasileira e partido situacionista

em Teixeira Soares e diversos municípios do Paraná nos anos 30. Um dos seus líderes era o político Líbero Nunes (interventor municipal em 1935).

pela via da integração ou da exclusão. O distrito de Diamantina, por exemplo, marcado pela presença majoritária de luso-brasileiros, também sofreu cisões entre famílias e entre o grupo étnico, a exemplo de Teixeira Soares (sede) a população ficou dividida em getulistas e integralistas.

Se compararmos a inserção étnica do integralismo no município de Teixeira Soares com o núcleo de Ponta Grossa, corroboramos a presença majoritária dos luso-brasileiros na Província do Paraná. Vejamos na tabela a seguir:

Tabela 2 – Integralistas de Ponta Grossa - Origem étnica

ETNIAS	FILIADOS
Luso-brasileiros	60%
Italianos	17%
Alemães	12%
Poloneses	5%
Turcos	2%
Franceses	2%
Ingleses	1%
Ucranianos	1%
Espanhóis	0,1%

Fonte: Museu dos Campos Gerais – Acervo Cândido de Mello Neto.¹⁵

Segundo Niltonci Chaves:

Ponta Grossa constituiu-se numa das cidades onde o Integralismo melhor se estruturou no Paraná. Com uma população predominantemente católica e majoritariamente urbana, a cidade também contava com numeroso contingente de italianos e alemães. De certa maneira, contribuiu também para o rápido avanço do Integralismo na cidade, a postura do Bispo local D. Antonio Mazzarotto. Ultramontano, D. Antonio não emitiu nenhum posicionamento contrário ao

Integralismo. (CHAVES, 1999, p. 64). Grifo nosso

A suposta contribuição do contingente de imigração italiana e alemã em Ponta Grossa apontada por Niltonci Batista Chaves em relação ao sucesso do integralismo local não encontra respaldo nos números e outras fontes (jornais, documentos do núcleo da AIB de Ponta Grossa), uma vez que não encontramos indícios concretos que afirmem a relação entre ser italiano ou alemão “facilitasse” a adesão ideológica ao integralismo. Os números de italianos e alemães no movimento são significativos, mas não devemos reduzir a expansão do integralismo no município a este fator, uma vez que seus descendentes já se encontravam inseridos na sociedade brasileira, especialmente na economia local de Ponta Grossa, com casas comerciais e outras atividades profissionais. O fato de imigrantes e descendentes italianos e alemães já se considerarem brasileiros e estabelecidos não impedia a simpatia pelos movimentos fascistas europeus, assim como o fator étnico não impediu que outras etnias tivessem afeição por Hitler ou Mussolini. O fato é que, assim como Teixeira Soares, Ponta Grossa também acolheu de “braços abertos” o movimento do Sigma e teve como maioria em suas fileiras os luso-brasileiros, fato que revela certo conforto para um movimento que exaltava a brasilidade.

Em relação à questão urbana apontada por Niltonci Chaves, ela por si só também não explica a inserção no movimento, uma vez que em localidades marcadamente rurais o integralismo também conquistou muitos adeptos, como foi o caso de Teixeira Soares e Rebouças, que obtiveram um sucesso distinto de núcleos de cidades urbanizadas como Ponta Grossa e Curitiba.

¹⁵ Tabela elaborada a partir de fichas de contribuições e canhotos de pagamento de filiados do núcleo integralista de Ponta Grossa. Nesses documentos constam nomes completos,

alguns possuem endereço e data da contribuição. Ressaltamos que em nenhum caso foi considerada a subjetividade de nenhum integralista, apenas sua origem étnica a partir da análise dos sobrenomes.

Considerando que Teixeira Soares e Rebouças elegeram os únicos prefeitos pelo Sigma no Paraná, sendo que em Teixeira Soares também foi eleita a maioria da câmara de vereadores pelo Sigma, nota-se que o aspecto rural das cidades não impedia o acesso aos lugares mais distantes, uma vez que o trem, o telégrafo, a paixão e a disposição integralista relativizavam esses fatores e, por outro lado, até motivou ainda mais os integralistas a levarem suas palavras aos recantos mais recônditos do país. Ressalta-se que nesses espaços marcadamente rurais, despontavam as pessoas de prestígio social, tais como os “chefões” locais, proprietários de fazendas e serrarias.

Certamente, um dos fatores apontados por Chaves que contribuiu para o avanço do Sigma foi a não contrariedade do Bispo Dom Antônio Mazzarotto ao integralismo, figura de destaque na sociedade pontagrossense. As atitudes e posicionamentos do Bispo eram constantemente elogiadas por José Hoffman, redator e diretor do principal veículo de informação de Ponta Grossa na década de 30: o jornal *Diário dos Campos*. Com uma população majoritariamente católica, assim como a realidade nacional, através de seu jornal, diariamente José Hoffmann destilava em suas linhas todo seu conservadorismo e defesa dos valores católicos. Apesar de contrário ao Sigma, Hoffmann contribuiu para a criação de um imaginário católico-conservador na população de Ponta Grossa, fato que mesmo contrariando suas convicções em relação ao integralismo pode ter favorecido a “aterrissagem” do Sigma em solo pontagrossense e da região dos Campos Gerais.

Alinhando essa hipótese do catolicismo à das estruturas de poder local, nas quais alguns mandões detinham o poder político-econômico e prestígio social, podemos compreender a inserção do Integralismo em alguns municípios do Estado do Paraná, sem utilizarmos do

automatismo do quesito étnico para sua compreensão.

Considerações finais

O Fascismo italiano e o Integralismo não mediram esforços para atrair os italianos e seus descendentes para suas fileiras, apesar da solidariedade ideológica do integralismo para com o fascismo, ambos os movimentos disputaram o mesmo público alvo, se valendo de diversas formas de cooptação. Neste proselitismo político, se sobrepôs o sentimento nacionalista, como apontou o historiador João Fábio Bertonha em seu artigo “Entre Mussolini e Plínio Salgado o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil” (2001). Bertonha afirma que:

Os descendentes de italianos, influenciados por esse contexto político nacional, por seus próprios e específicos problemas de aceitação na sociedade brasileira como filhos de imigrantes e pelo clima geral de apoio às ideias de extrema direita suscitado pela propaganda italiana, poderiam ter sido cooptados pelos fascios, mas acabaram, dada a sua aculturação e desejo de serem vistos como brasileiros e de participar efetivamente da política brasileira, por aderir à Ação Integralista. (BERTONHA, 2001, p. 95).

Porém, neste estudo com uma abordagem sobre um núcleo local da AIB, vemos que os descendentes de italianos, que já se consideravam inseridos na sociedade brasileira, também não eram unanimidade no Sigma. Este pode ser apenas o caso da família italiana Gubert, entre outras citadas no trabalho, mas nos reforça o argumento de que a variável étnica não deve ser colocada em primeiro plano ao se analisar a adesão ideológica ao integralismo ou a sua não-adesão.

Em Teixeira Soares é perceptível que, apesar do integralismo ter forte simpatia pelo Fascismo na Itália e ao Nazismo na Alemanha, sua propaganda

não foi veiculada apenas a determinados grupos étnicos considerados “alvos fáceis” como italianos e alemães, dada suas afetividades pela pátria-mãe, mas, buscou atingir um maior público possível, desde luso-brasileiros, italianos, alemães até poloneses e ucranianos. Notamos também que a presença da Ação Integralista Brasileira na cidade delimitou novos limites, as antigas características que definiam os grupos pelos aspectos culturais e étnicos ganharam novos significados com a política integralista, estabelecendo novas identidades: getulistas e integralistas. Para transpassar essas fronteiras era preciso vestir uma camisa-verde ou deixar de usá-la.

Outro intuito do trabalho foi apontar a majoritária presença de luso-brasileiros entre os integralistas do Paraná, a análise em forma de amostra permitiu-nos contrapor algumas informações que atrelavam a expansão do integralismo aos contingentes de imigração italiana e alemã. Mesmo assim, os caminhos trilhados nesse trabalho não esgotam a complexa questão étnica e sua relação com o integralismo.

Devemos reconhecer a influência de fatores externos na formação da ideologia integralista e que os movimentos fascistas europeus exerciam influência na simpatia de parcela da população brasileira e mundial. A assertiva de Gertz se confirma nesse trabalho, concordamos com o historiador que o Integralismo não deve ser analisado apenas pelo quesito étnico, mas, sua investigação deve estar aliada a variáveis como a estrutura política e econômica dos municípios e o poder de alguns “mandões” locais, a relação do Integralismo com representantes da Igreja Católica e as estratégias peculiares dos integralistas em determinadas localidades.

Referências

ATHAIDES, Rafael. *As paixões pelo sigma*: afetividades políticas e fascismos. 2012. 304 f.

Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Paraná, Paraná.

BARTH, Fredrik. *Los grupos étnicos y sus fronteras*. Fondo de Cultura Económica: México, 1976.

BERTONHA, João Fabio. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, n° 40, p. 85-105 2001

CHAVES, Niltonci B. A saia verde está na ponta da escada: as representações discursivas do Diário dos Campos a respeito do Integralismo em Ponta Grossa. *Revista de História Regional, Ponta Grossa*, v. 4, n. 1, p. 57-80, 1999.

GERTZ, René E. Integralismo, nazifascismo e “neonazismo” no sul do Brasil. In: Ciclo de Conferências e Seminários sobre o Fascismo e seus Impactos no Brasil e no Mundo, 90 anos após a Marcha sobre Roma. Departamento de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), 2012.

GERTZ, René E. *O Fascismo no Sul do Brasil*: Germanismo, Fascismo, Integralismo. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.

PARENTE, Josênio. *Os camisas verdes no poder*. Fortaleza: Edições UFC, 1986.

PEREIRA ATHAIDES, Luciana Agostinho. A Ação Integralista Brasileira e os governos de Manoel Ribas no Paraná: repressão em tempos de democracia e interventoria. In: ANAIS DO VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA – UEM. Maringá-PR, 2011.

Fontes Jornalísticas

Jornal A Offensiva, números 1 a 748, Rio de Janeiro, 1934-1938 – Complexo de Centrais de Apoio à Pesquisa/Central de Documentação – Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR (fotografia digital).

Jornal Diário dos Campos, Ponta Grossa, 1935-1938 – Museu dos Campos Gerais – Ponta Grossa-PR (fotografia digital).

Documentos Manuscritos

Livro de Atas da Câmara Municipal de Teixeira Soares. Período (1936-1937).

Notas fiscais e telegramas (fotografia digital). Acervo Cândido de Mello Neto – Museu dos Campos Gerais.

Fontes Orais

NEVES, Rosy Gubert. Entrevista concedida a Luiz Gustavo de Oliveira em 03/01/2014.